

**Trab.Ling.Apl., Campinas, (28):19-26, Jul/Dez. 1996**

## **COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO NO ATO DE TRADUZIR: REFLEXÕES SOBRE O ENUNCIADO E A SIGNIFICAÇÃO\***

PAULO ROBERTO OTTONI

E a tradução pode tudo, exceto marcar esta diferença lingüística inscrita na língua, esta diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua; no limite ela pode fazer passar tudo, exceto isto, exceto o fato de que há num sistema lingüístico, talvez várias línguas, algumas vezes diria mesmo sempre, várias línguas, e há impureza em cada língua.

Jacques Derrida  
**L'Oreille de L'Autre**

### **ABSTRACT**

The ideas developed in this text derive from a certain approach to translation and also from a view of reading as a language act that reveals the intervention and integration of the reader with the language. Translation and reading are events that create and produce meaning in the relationship between the translator or reader and the text. The similarities and differences between reading and translating are important for a reflection on comprehension and interpretation of a text and for the evaluation of the effects of these two events in relation to the issues of enunciation and meaning.

As reflexões que procuro fazer neste texto partem de uma postura frente à tradução, e de uma visão da leitura enquanto acontecimento que revela a intervenção e a integração do leitor com a língua. A tradução e a leitura são fenômenos complexos de construção e transformação de significados - de sentidos - que ocorrem através da fusão do tradutor ou leitor com o texto.

Derrida (1979) faz a seguinte afirmação:

---

\* Versão modificada da conferência proferida na Universidade de Heidelberg - Alemanha - no Institut für Übersetzen und Dolmetschen em 24 de janeiro de 1996. A primeira versão será publicada na revista *Lusorama - Zeitschrift für Lusitanistik* n° 32, março de 1997, Berlin.

Um texto só vive se ele *sobre-vive*, e só *sobre-vive* se ele é *de uma só vez* traduzível e intraduzível (sempre ... “de uma só vez... e...”: *ama*, ao “mesmo” tempo). Totalmente traduzível, desaparece como texto, como escritura, como corpo de língua. Totalmente intraduzível, mesmo no interior do que se acredita ser *uma* língua, morre imediatamente (p.102 - tradução minha).

Ao substituir a questão da tradução pela da leitura nesta afirmação de Derrida, posso dizer que: um texto é legível e ilegível *de uma só vez*. Se for totalmente legível, desaparece como texto, ao contrário, totalmente ilegível, morre no mesmo instante. Faço esta aproximação entre traduzir e ler para introduzir a reflexão sobre a compreensão e a interpretação de um texto e suas implicações a partir da questão do enunciado e da significação.

Foucault (1969), em **A Arqueologia do Saber**, na sua busca de uma definição para o *enunciado*, elimina várias possibilidades com as quais este *enunciado* não pode ser identificado nos estudos da linguagem, mas especificamente com aquelas da lingüística tradicional e estrutural. O enunciado, segundo Foucault, não pode ser identificado através de uma estrutura gramatical tradicional com uma *estrutura proposicional definida* nem com uma *frase* e tampouco com *atos ilocucionários*. Segundo ele:

Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua (e podemos sempre supor, em lugar de qualquer enunciado, um outro enunciado que, nem por isso, modificaria a língua) [...] Língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência; e nem podemos dizer que há enunciados como dizemos que há línguas (pp.96-97).

Assim, os enunciados *não existem nem do mesmo modo que a língua* [...], *nem do mesmo modo que objetos quaisquer apresentados à percepção* (p.98). Foucault faz uma afirmação sobre a materialidade do enunciado que é fundamental para a nossa questão: *o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data*; em seguida, coloca algumas questões e entre elas, a seguinte: ***uma frase fielmente traduzida para uma língua estrangeira forma dois enunciados distintos ou apenas um?*** (p.116 - destaque meu).

Nessa questão o que é relevante não é somente o desdobramento que a tradução terá no interior da argumentação de Foucault, como veremos mais à frente, mas principalmente a importância de Foucault fazer uma questão colocando a tradução como um “recurso da linguagem” na busca da explicitação e definição do enunciado. Em seguida, o fato de Foucault levantar a possibilidade de “uma frase ser fielmente traduzida” a ponto de formar um só enunciado e não dois enunciados distintos. Ele já havia descartado uma possível identificação do *enunciado* com a *frase*. Assim sua questão pode parecer inadequada quando diz: ***uma frase fielmente traduzida*** e não um **texto** fielmente traduzido. A sua preocupação é não só questionar o acontecimento, o

ato de traduzir no processo de definição e de explicitação do enunciado, mas refletir sobre a materialidade do enunciado. Poderíamos levantar a hipótese de que Foucault acha possível que uma frase isolada seja “fielmente traduzida” por implicar, num primeiro momento, somente numa comparação no plano da língua, do lingüístico, seja através da sintaxe, ou da morfologia. A tradução de um texto certamente seria diferente, e mais complexa, por implicar um outro tipo de envolvimento do leitor com o texto no ato de leitura. Mais à frente na sua argumentação, ainda na procura de esclarecer o que é este *enunciado*, ele afirma:

Mas é possível, sem dúvida, ir mais longe: podemos considerar que existe apenas um único e mesmo enunciado onde as palavras, a sintaxe, a própria língua, não são idênticas. Consideremos um discurso e sua tradução simultânea; um texto científico em inglês e sua versão francesa; uma informação em três colunas em três línguas diferentes; **não há tantos enunciados quantas são as línguas em jogo, mas um único conjunto de enunciados em formas lingüísticas diferentes** (p.119 - destaque meu).

Foucault está dizendo que há “algo”, além das *línguas em jogo* no enunciado, que permanece apesar das diferenças, onde *as palavras, a sintaxe, a própria língua não são idênticas*. O que ele pode estar dizendo é, por exemplo, que uma bula de remédio ou um manual de instruções - traduções consideradas simples e que procuram apenas transmitir *uma informação* apesar das diferenças de línguas - se forem *fielmente* traduzidas em várias línguas consistirão em *um único conjunto de enunciados em formas lingüísticas diferentes*. O que seria constituir um só enunciado para Foucault, uma vez que ele não considera, neste caso, as diferenças entre as línguas?

Vejamos este comentário de Derrida (1982)\*\*

E a tradução pode tudo, exceto marcar esta diferença lingüística inscrita na língua, esta diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua; no limite ela pode fazer passar tudo, exceto isto, exceto o fato de que há num sistema lingüístico, talvez várias línguas, algumas vezes diria mesmo sempre, várias línguas, e há impureza em cada língua (p.134 - tradução minha).

Derrida afirma que há uma *diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua*, podemos dizer assim que não há “fronteiras” entre uma língua e outra; há *num sistema lingüístico* várias línguas. Apoiado nesta afirmação de Derrida posso dizer que para Foucault há um *único conjunto de enunciados em formas lingüísticas diferentes*, porque as línguas são diferentes e contituem a materialidade do enunciado. É através de

---

\*\* Esta afirmação, que coloquei como epígrafe deste trabalho, está no texto de Derrida após a sua análise da frase: “*And he war*” do **Finnegans Wake** de James Joyce, e das reflexões que faz da tradução deste frase para o francês; e das discussões sobre *Pierre Ménard* de Jorge Luis Borges que narra a aventura de um francês que deseja escrever pela primeira vez o **Dom Quixote** de Cervantes (cf. p.132 e passim). A análise desta frase de James Joyce aparece também em Derrida 1985, pp.214-215; e especialmente no artigo: *Duas Palavras por Joyce* (cf. Derrida 1987).

um único enunciado que se garante e evidencia as diferentes línguas entre si. Em Derrida, além das diferentes línguas entre si, há *diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua*. Dito de outro modo, posso afirmar que as línguas só são diferentes entre si porque há diferentes línguas numa só língua. Este fato coloca questões relacionadas à tradução a Foucault que parece conceber a tradução como a passagem de um mesmo *enunciado* materializado numa língua X, para uma língua Y.

Foucault em seguida faz uma outra afirmação envolvendo a tradução; vejamos:

Quando se utiliza um enunciado para ressaltar sua estrutura gramatical, sua configuração retórica ou as conotações de que é portador, é **evidente** que não se pode considerá-lo como idêntico em **sua língua original** e em **sua tradução**. Em compensação, se queremos que ele entre em um processo de verificação experimental, então **texto e tradução constituem o mesmo conjunto enunciativo** (p.120 - destaque meu).

A concepção de tradução que está por detrás deste comentário de Foucault reflete a importância e a dificuldade que esta concepção provoca na sua argumentação. Foucault diz que: *língua original e tradução* não são do ponto de vista lingüístico idênticas mas, num processo de *verificação experimental* - numa constatação empírica -, *texto e tradução formam um mesmo conjunto enunciativo*. Texto e tradução “formam um mesmo conjunto enunciativo” em lugares e em datas diferentes, através de diferentes línguas. Ele vê evidências de que as diferenças lingüísticas, de uma língua original como da sua tradução, são suficientes para distinguir dois enunciados. Mas, no *mesmo conjunto enunciativo* em nome da *verificação experimental*, estas diferenças estão subordinadas aos enunciados.

Considerando a diferença de estrutura lingüística do enunciado e que estas estruturas, este sistema de línguas, são diferentes entre si, perguntamos: será que é possível pensar, mesmo numa “simples frase”, na intraduzibilidade ou traduzibilidade total de um enunciado, a partir de Foucault? O enunciado é *totalmente intraduzível* uma vez que permanece único nas diferentes línguas? Ou o enunciado é *totalmente traduzível*, apesar de não levar em conta seus aspectos lingüísticos? Como vimos anteriormente, lembrando Foucault: *língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência, e nem podemos dizer que há enunciados como dizemos que há línguas*. Para Foucault, a “tradução acontece” no plano do enunciado ou da língua? Procurando refletir esta postura de Foucault, posso afirmar, em concordância com Derrida, que há *impureza em cada língua*, que a tradução não pode marcar a *diferença lingüística inscrita na língua*, pois se a tradução marcar esta diferença de línguas no interior de uma língua, ela pode traduzir uma língua “totalmente”, fazendo desaparecer o texto no mesmo instante.

Por um lado, será que as “diferenças” de Foucault, ao afirmar que há um *mesmo conjunto de enunciados em formas lingüísticas diferentes*, podem ser recuperadas e identificadas numa outra língua? Ou há a possibilidade de identificação de um mesmo enunciado em línguas diferentes, pressupondo “algo” que está “fora” da língua e que é “estável” a ponto de servir de comparação para marcar as diferenças entre as línguas?

Poderíamos dizer, então, que há um significado ou mesmo uma simples informação que pode ser recuperada e identificada através de um único enunciado em diferentes línguas. Voltando ao exemplo de Foucault das três colunas compostas de línguas diferentes podemos, numa outra leitura, dizer que há uma traduzibilidade possível e total de uma informação, permanecendo a mesma nas três línguas, já que *há um único conjunto de enunciados em formas lingüísticas diferentes*.

Por outro lado, Foucault comenta: *não há tantos enunciados quanto são as línguas em jogo, mas um único conjunto de enunciados em formas lingüísticas diferentes*. Quais seriam estas diferenças? Estaria ele “neutralizando” estas diferenças de línguas em nome do enunciado, pressupondo assim a possibilidade de uma “tradução total”? Trago novamente a questão de Foucault: *uma frase fielmente traduzida para um língua estrangeira forma dois enunciados distintos ou apenas um?* Levando em consideração a afirmação de que há “diferenças entre as línguas” e que estas diferentes línguas só são possíveis a partir da constatação de que “há diferentes línguas numa só língua”, como pensar a postura de Foucault frente à tradução?

A definição de Derrida - que vimos no início - não deve ser analisada a partir de uma constatação formal ou através de dados que devem ser analisados empiricamente. Quero dizer que o desaparecimento ou a morte imediata de um texto, a partir da sua traduzibilidade ou intraduzibilidade total ou da legibilidade ou ilegibilidade total, é uma reflexão de dimensão desconstrutivista que questiona a abordagem estrutural e formal de base lingüística. Não é possível, através da leitura ou da tradução, recuperar integralmente um significado único e estável no texto: ele não existe. A traduzibilidade ou legibilidade total ou a intraduzibilidade ou ilegibilidade total deste significado não pode ser transportada de uma língua para outra, ou do texto para o leitor. Derrida quer mostrar que um texto não é totalmente traduzível ou intraduzível - um texto não desaparece ou morre -; a tradução é um acontecimento que está sempre entre o intraduzível e o traduzível, e a leitura entre o legível e o ilegível. Estar neste “meio”, neste “duplo” papel em que se encontra o tradutor e o leitor, é um fenômeno decorrente não só porque há diferença lingüística entre as línguas, como também porque há *diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua*. Este “meio” é o lugar do indivíduo, do sujeito que não se separa do seu objeto (a língua), das suas diferenças e nem das suas impurezas. O sujeito, ao traduzir, está “entre” a diferença de dois sistemas lingüísticos e no “meio” das “*várias línguas*” que compõem as línguas envolvidas na tradução.

Em relação à questão da *compreensão* e da *interpretação*, Arrojo (1992) em *Compreender X Interpretar e a Questão da Tradução*, afirma: *A oposição compreensão X interpretação, aliás, é apenas uma das conseqüências teóricas da aceitação de uma distinção absolutamente demarcável entre sujeito e objeto (p.67)*.

E conclui seu texto fazendo a seguinte afirmação:

A interpretação, ou a compreensão, escapa, portanto, a qualquer tentativa de sistematicidade pois a possibilidade de sistematizá-las implicaria, inescapavelmente, a própria possibilidade de se sistematizar e pré-determinar tudo aquilo que constitui o “humano”: o subjetivo, o temporal, o

inconsciente e até mesmo suas manifestações sócio-culturais presentes e futuras (p.70).

Um texto, ao ser traduzido, partindo de uma abordagem tradicional de leitura, pressupõe - como afirma Arrojo - a possibilidade de sistematizar a sua compreensão ou interpretação na tentativa de *pré-determinar tudo aquilo que constitui o "humano"*. Ora, a leitura e a tradução deflagram a intervenção e a participação de um sujeito, do *humano*, na produção da significação no momento da tradução ou da leitura, por isso esta impossibilidade prévia de sistematização da *interpretação* ou da *compreensão*.

Na abordagem estrutural e formal, a compreensão, sem a participação do sujeito - leitor, se dá a partir da leitura concebida como um processo que retira significados previamente colocados no texto. Nesta abordagem, o sujeito aparece somente no momento de uma interpretação do texto, após a sua compreensão. A separação entre compreensão e interpretação, em dois momentos, é condição necessária para o estabelecimento e o fortalecimento desta que pressupõe e encara essa separação como constitutiva do processo de leitura e de tradução separando, assim, o sujeito do objeto. Assim, podemos propor algumas questões: qual é a distinção ou o limite entre a *interpretação* e a *compreensão*? Quando acaba a *compreensão* e começa a *interpretação*? Para Foucault, na identificação de um enunciado através de línguas diferentes, o que prevalece: a *compreensão* ou a *interpretação*? Para definir um enunciado é relevante fazer a distinção entre *compreensão* e *interpretação*?

Os pressupostos teóricos que sustentam a abordagem estrutural e formal, que distingue a compreensão da interpretação e o sujeito do objeto, são os mesmos que sustentam a idéia de que há uma intenção originária num texto. Se há uma intenção, que foi colocada no texto, há um sentido único que pode ser extraído e recuperado através de uma informação. Ou seja, num texto há a intenção de um indivíduo ou de um grupo, ou mesmo de uma instituição, não sendo relevante quem a produziu, mas sim a crença de que esta intenção foi cristalizada no texto e ali permanece. Assim, através da *compreensão* de um texto seria possível recuperar esta intenção, isto é, retirar esta "intenção primeira" para em seguida ser *interpretada* pelo leitor ativando sua parte mais pessoal, mais humana. Quando Foucault afirma que a tradução de um texto pertence ao *mesmo conjunto enunciativo* do original, estaria ele dizendo que, através desta tradução, ocorreu uma compreensão ou uma interpretação?

Numa abordagem pós-estruturalista da linguagem podemos afirmar que "compreender é interpretar", que não há *compreensão* de um texto, sem *interpretação*, sem a intervenção de um sujeito, do *humano*. Podemos dizer que há um excesso de enunciação - através da materialidade do enunciado - que possibilita uma relação dessimétrica entre leitor e texto. Contrária à postura anterior que prevê uma relação simétrica - biunívoca - entre leitor-texto. A dessimetria leitor - tradutor e texto revela uma significação que não é fixa, nem estável. É através do excesso de enunciação que podemos interpretar e significar. A distinção entre simetria e dessimetria é, neste caso, fundamental para refletir sobre a tradução e a leitura enquanto acontecimentos que transformam e produzem significados entre as diferentes línguas.

Para Foucault, *a enunciação é acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir*. E mais à frente continua: *ora, o próprio enunciado não pode ser reduzido a esse simples fato de enunciação, pois ele pode ser repetido apesar de sua materialidade* (pp.116-117).

Assim, se reproduzo na tradução o mesmo enunciado através de materialidades lingüísticas diferentes, em diferentes línguas, poderemos deduzir que a tradução, na argumentação de Foucault, é “neutra”. Poderia ele estar querendo dizer que não há *interpretação* do tradutor na tradução ou na leitura de uma simples frase. Qual seria o limite, então, da tradução de *uma informação em três colunas em três línguas diferentes* já que para Foucault não há relação entre enunciado e língua, neste caso o que se tem é *um único conjunto de enunciados em formas lingüísticas diferentes*.

Há somente um *único conjunto enunciativo* se a significação for encarada como única e estável nas três línguas neutralizando uma das diferenças: *a diferença entre as línguas*. Nesta primeira hipótese há uma relação simétrica entre leitor-texto. Basta o tradutor compreender o significado, ali colocado, para simplesmente transportá-lo para uma outra língua. Entretanto, se a relação for dessimétrica não haverá uma identificação do enunciado com um sentido único, então, teremos uma enunciação sempre em excesso. Nesta dimensão desconstrutivista não é só *a diferença* entre as línguas envolvida, mas as “diferentes línguas” que compõem a língua do “original” e da “tradução” que possibilitam esta relação dessimétrica na qual se instala a participação do sujeito. É no cruzamento da *diferença de sistema de línguas numa só língua* com as “diferentes línguas” que há transformação e produção de significados. Foucault, ao colocar a tradução como um “recurso da linguagem” para definir o enunciado, tinha provavelmente como preocupação somente a *diferença entre as línguas* e por isso a ilusão de que pode existir *uma frase fielmente traduzida*.

Defino a tradução, em concordância com Derrida, enquanto um acontecimento que deflagra a *diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua; há impureza em cada língua*, mas desta *impureza* a tradução não dá conta, aliás, ela produz outras. Podemos fazer uma leitura de Derrida da seguinte maneira: se um texto for “totalmente traduzível” podemos afirmar que sua *impureza* desaparece na tradução; ao contrário, se for “totalmente intraduzível”, esta impureza é completa, então totalmente ilegível e intraduzível. Podemos afirmar, mais uma vez que *um texto só vive se ele sobre-vive e só sobre-vive se ele é de uma só vez traduzível e intraduzível*.

A materialidade do enunciado em Foucault, que é diferente da abordagem da lingüística estrutural e formal, possibilita fazer uma aproximação com a questão colocada por Derrida. Ou seja, para Foucault: *uma enunciação é um acontecimento que não se repete e o próprio enunciado não pode ser reduzido a esse simples fato de enunciação*. Assim, o ato de traduzir é um ato de *enunciação* que só é interpretado porque há uma relação dessimétrica entre o texto e o tradutor. Esta mesma afirmação pode servir para a leitura dada a impossibilidade de se detectar “materialmente” o seu resultado - da dessimetria entre texto-leitor - a leitura é *enunciação*. Assim, a tradução pode ser definida como a materialidade de uma leitura: *tradução é enunciação*, traduzir é enunciar.

Desse modo, proponho uma outra resposta à pergunta: *uma frase fielmente traduzida para uma língua estrangeira forma dois enunciados distintos ou apenas um?* Foucault respondeu em parte esta sua questão retórica ao afirmar que há apenas um enunciado. À medida que qualquer tradução é *enunciação*, uma “simples tradução”, por exemplo, de uma bula de remédio ou de um manual de instrução requer do tradutor uma apropriação, uma transformação deste “simples significado”. O tradutor tem a “ilusão” de que ocorreu somente a tradução de uma única informação, com um sentido único. O que Foucault pode ter deixado de lado, ao introduzir a questão da tradução na sua argumentação, é que *há impureza em cada língua*, na materialidade lingüística. Por isso, *uma frase*, respondendo de outra maneira à pergunta de Foucault, *fielmente traduzida para uma língua estrangeira*, produz pelo menos dois enunciados distintos se consideramos a tradução como enunciação. Neste acontecimento tradutório, e de leitura, ocorrerá inevitavelmente a *interpretação* de uma *frase* que será sempre traduzida enquanto um texto. Um texto, segundo Derrida (1972, p.7), *só é um texto se ele oculta ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível.*

---

## BIBLIOGRAFIA

- ARROJO, R. *Compreender X Interpretar e a Questão da Tradução*. In: **O Signo Desconstruído - Implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. (Org. Arrojo, R.) Ed. Pontes - Campinas - SP, pp. 67-70, 1992.
- DERRIDA, J. **A Farmácia de Platão**. (Tradução para o português de Rogério da Costa 1991). Iluminuras - São Paulo - SP, 1972.
- \_\_\_\_\_. *LIVING ON: Border Lines*. In: **Deconstruction & Criticism** (Org. Hartman, G.) N.Y. The Seabury Press, pp.75-176, 1979.
- \_\_\_\_\_. **L'Oreille de L'Autre**, VLB Éditeur - Montréal, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Des Tours de Babel*. In: **Difference in Translation**, (Ed. Joseph F. Graham) Cornell University Press, pp. 209-248, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Duas Palavras por Joyce* (tradução para o português de Regina Grisse de Agostino). In **riverrun - Ensaios sobre James Joyce** (org. Arthur Nestrovski) - Rio de Janeiro - Imago Ed. 1992, pp.17-39, 1987.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. (Tradução para o português de Luiz Felipe Baeta Neves - 1986). Ed. Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1969.